

15 OUT 1986

Jornal de Brasília

Carlos Conde

Sarney quer voltar à frente externa

O presidente José Sarney está ansioso para retomar um contato mais estreito com a política externa brasileira e as relações internacionais. A notícia é trazida pelo líder do Partido da Frente Liberal no Senado, o gaúcho Carlos Chiarelli. O chefe de governo cria condições para um "esforço concentrado" da Câmara Alta, na próxima quarta-feira, com o objetivo de aprovar diversos embaixadores. Entre eles, o novo representante diplomático do Brasil nos Estados Unidos, Marcilio Marques Moreira.

Sarney quer essas questões solucionadas para, definida a frente interna, envolver-se mais diretamente com a frente externa já no início do próximo ano, informa Chiarelli. Internamente, o presidente observa sem grandes sobressaltos a batalha das eleições. Os dois partidos que o apoiaram deverão sair de 15 de novembro com vitória na maioria dos estados. Havia três fantasmas colocados claramente à frente do chefe de governo: Maluf, Brizola e o PT. O Partido dos Trabalhadores, segundo a avaliação do Palácio do Planalto, terá um desempenho "sofrível". Maluf, como o palácio quer acreditar, será derrotado em São Paulo. E Brizola perderia não apenas no Rio de Janeiro, mas no seu estado natal, o Rio Grande do Sul. Em São Paulo, há a perspectiva de que nem o PMDB nem a Frente Liberal (esta, aliás, malufista) consigam vencer. Mas o PTB e seu candidato Antônio Ermírio de Moraes não são, propriamente, um tormento para Sarney nem para seus principais assessores. Até pelo contrário, como poderia atestar o incansável chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel.

O refluir das greves deixa o governo Sarney menos temeroso com a área social e o Palácio do Planalto começa a notar, igualmente, alguma dose de "acomodação" (artificial, é bem verdade) no problema da terra, embora apenas a curto prazo. A questão fundiária no Brasil é explosiva e o fato de que a polêmica possa baixar um pouco, hoje ou amanhã, está longe de indicar que foi contornada. Longe disso. O ministro Dante de Oliveira e quem tem olhos para ver sabe que tal fantasia não tem cabimento.

Na frente interna, o presidente Sarney também se debate com o sério problema do abastecimento, que desafia o Plano Cruzado e ameaça desmoralizá-lo se medidas imediatas e cirúrgicas não forem adotadas. Se esse problema for pelo menos amenizado, o chefe da nação terá motivo para não se impacientar tanto, porque as urnas lhe serão favoráveis, tanto no campo do Executivo como na seara do Legislativo.

Na frente externa, Sarney teria obstáculos talvez mais sérios. Está sendo feita uma óbvia pressão para que o Brasil se atrele outra vez ao Fundo Monetário Internacional e para que renegocie sua dívida em condições inadequadas e desvantajosas. A relação diplomática e econômica com os Estados Unidos está no fundo da questão. A reserva de mercado para a informática, contra a qual Washington se insurge, é assunto que fala muito de perto ao interesse nacional brasileiro para que o Palácio do Planalto possa fazer mais concessões. Sem novas concessões, Reagan e seu governo ameaçam com represálias contra o Brasil. É um jogo perigoso, mas que a Nova República pretende jogar sem leiloar nossa soberania, embora agindo com serenidade e pragmatismo. Na esteira dessas questões, o presidente Sarney está pronto para dar sequência à "diplomacia presidencial", com viagens ao exterior.